

VAMOS FALAR SOBRE “BULLYING”?

Foi graças à dedicação do professor e pesquisador sueco-norueguês Dan Olweus que o tema “Bullying” foi trazido a conhecimento de todos, evidenciando principalmente tratar-se de um fenômeno social crescente no mundo contemporâneo que assolou centenas de milhares de jovens pelo mundo operando-se quase como uma alarmante epidemia psicossocial. O termo diz respeito à prática sistemática de intimidação e agressão, tanto física quanto verbal, operada de forma deliberada e recorrente pela qual busca-se causar enorme humilhação na vítima; o termo originou-se da palavra inglesa “bullies”, que quer dizer valentões, mostrando que tal comportamento possui estreita relação com assédio, seja ele moral, físico ou ambos.

São práticas sem motivo aparente que se originam apenas pelo fato da vítima possuir algum comportamento, ou mesmo alguma característica destoante daqueles que dele se espera por conta de algum arquétipo pré-definido; ou seja, trata-se de uma relação de poder estabelecido por conta do vitimizado ser incapaz ou destituído da capacidade de impor-se ante um agressor que além de sentir-se “poderoso” perante ele, acaba por ter o apoio do grupo a que ambos pertencem. Do outro lado dessa relação problemática, temos o agressor que costuma ser uma pessoa incapaz de exercer empatia, oriundo de famílias problemáticas, ou ainda porque almeja tornar-se mais popular ou simplesmente sentir-se mais poderoso.

A prática do bullying também acabou por receber sutis aprimoramentos indesejáveis como isolar a vítima socialmente ou ainda espalhar boatos a seu respeito, tornando insustentável a permanência da vítima sem que isso lhe cause enorme prejuízo psicológico e emocional. Some-se a isso o cyberbullying que é a prática do bullying por meios virtuais, com o uso das mídias sociais e demais meios cibernéticos, sendo importante destacar que em todas essas práticas percebe-se a necessidade de que haja um público espectador tanto para o agressor que sente-se enaltecido por descobrir-se detentor de alguma espécie de poder sobre o grupo, como para os próprios espectadores que gostando ou não, optam por calar-se com receio de virem a se tornar a próxima vítima. E temos ainda o chamado “bullying corporativo”, ou mobbing, que ocorre nas relações interpessoais no ambiente de trabalho.

Vale destacar que em todas essas variantes temos como consequências prejudiciais à vítima a sensação de dor e angústia que pode, inclusive, descambar para malefícios ainda mais graves como depressão, autoestima baixa, sentimentos negativos e até mesmo ao suicídio. Dados estatísticos de 2011, obtidos pelo IBGE, dão conta de que um terço dos estudantes brasileiros já tenham sido vítimas do bullying, assim como dados de 2015 informam que um em cada cinco estudantes já tenha praticado bullying, sendo que a metade desses sequer saibam porque exercem essa prática, verificando também que os principais alvos mais apontados nas agressões foram aparência do corpo ou do rosto, cor ou raça, orientação sexual e origem das vítimas. Incrementa-se a isso dados do Diagnóstico Participativo das Violências nas Escolas, feito em 2016, cujos resultados apontam que 69,7% dos jovens afirmam terem visto algum tipo de agressão dentro da escola, seja verbal, física, discriminatória, o próprio bullying, furto, roubo ou ameaças.

Temos como principais formas de bullying verbal: insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos e fazer piadas ofensivas. Já na forma de bullying físico temos, bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, machucar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima e atirar objetos contra a vítima. Todavia cremos que sob o aspecto psicológico os atos, gestos ou ações destinadas contra a vítima sejam de uma magnitude ainda mais grave.

Estes consistem em irritar, humilhar, ridicularizar, excluir, isolar, ignorar e desprezar, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tyrannizar, dominar, perseguir, difamar, fazer intrigas e fofocas. Finalmente, do ponto de vista sexual podem ocorrer abusos, violências, assédio e insinuações¹.

Muitos especialistas veem distinções sutis entre bullying, mobbing e assédio, este último tanto na acepção moral como física, todavia, a nosso ver, todos tratam de situações vexatórias, humilhantes e com pura conotação de causar malefícios às suas vítimas, independentemente de ocorrer em um ambiente descontraído desconectado do trabalho ou da escola, tais ações não perdem a sua característica essencial de causar dor (física, emocional e também sexual) em indivíduos que se sentem indefesos em situações onde são fragilizadas e expostas de forma cruel.

Como tão bem assevera Sônia Mascaro Nascimento: “Por conta de ambos possuírem elementos-chaves comuns [...] causando [na vítima] sentimentos de humilhação e inferiorização, que afetam sua autoestima, eles vem sendo usados como sinônimos em nosso País”².

A sutileza reside no fato de que a prática de bullying dá-se única e exclusivamente com o intuito de chamar a atenção para si, criando uma plateia que enalteça o agressor como um “valentão” que deve ser temido e respeitado. Já no assédio, que alguns tratam como sendo espécie do gênero bullying, tem-se uma relação de poder pela qual o assediador busca um resultado para si, quer seja por via direta, quer seja por via indireta, sendo certo que muitas vezes o resultado é sempre o mesmo: o adoecimento do agredido (a)/assediado (a).

Em um caso recentíssimo ocorrido no município de Santo André na região metropolitana da capital, uma jovem foi vítima de bullying que veio a ser estimulado pelo próprio professor (!) que criou um jogo da discórdia em plena sala de aula para que a jovem sofresse ainda mais ofensas e xingamentos; para agravar o quadro, a escola ao ser informada do fato demitiu o professor sem antes realizar uma reunião de conscientização com esses alunos, o que desaguou em mais ofensas desferidas contra a jovem e uma verdadeira perseguição virtual contra ela. Vemos aqui uma situação típica em que todos os envolvidos parecem desconhecer técnicas e métodos para lidar com o bullying e também com a vítima. Uma das trágicas consequências encontra-se abaixo transcrita, sendo que a nota refere-se à notícia em sua íntegra.

Com toda essa confusão, a adolescente, que teve problemas familiares na infância, voltou a se automutilar, ato que já ela fez em momentos de extrema tristeza. Hoje, ela conta com acompanhamento psicológico³.

Vemos aqui um exemplo que escancara a falta de aptidão de pessoas e instituições para lidar com o bullying, permitindo que o clima de hostilidade prolifere de maneira desmedida, impactando a vida da vítima com dor e sofrimento indescritíveis⁴. Vivenciando um clima como esse a vítima torna-se refém de si mesma na medida em que o martírio vai fazer parte de sua vida.

O psiquiatra da infância e da adolescência André de Mattos explica que muitas vezes a autolesão é vista como uma forma da qual os adolescentes usam para chamar atenção ou para manipular alguém. Mas, segundo ele, “a autolesão mostra claramente que a pessoa está num quadro muito frágil e um sofrimento psíquico muito intenso”.⁵

Em tempos anteriores ao evento da internet, redes e mídias sociais, o bullying já existia, porém não era conhecido e muito menos estudado; todavia, tomando o tema em uma perspectiva histórica poderíamos cogitar que naquela época, provavelmente, o apoio familiar fosse fator preponderante para ajudar os filhos a lidarem com tal situação, isso se estivéssemos falando de pais com algum grau de informação e de formação, muito embora não se tenha como aferir essa suposição. Fato é que com a modernidade cibernética não apenas o bullying tornou-se mais propalado e estudado como também ele próprio enquanto fenômeno ganhou dimensões alarmantes.

No universo virtual, o bullying ganhou contornos nefastos na medida em que o poder de agressão, assim como o efeitos percebidos pelo agredido ampliaram-se de forma desmedida não respeitando quaisquer espécies de fronteiras, tornando-se ainda incógnito e deixando o agredido sem saber de quem e até mesmo como se defender, ainda mais porque diferentemente do que ocorria com o bullying presencial que permanecia limitado ao ambiente escolar, no ambiente virtual ele não apenas persiste como se alastra de modo descontrolado.

Além disso, o manuseio de ferramentas virtuais e aplicativos de mensagens instantâneas permitem uma exposição muito acima do aceitável no que diz respeito a intimidades, confissões, desabafos e segredos, criando um arsenal a disposição de quem queira dele se utilizar para vandalizar a imagem e também a dignidade de sua vítima. Isso somado à impossibilidade de identificação do agressor, cria no agredido uma sensação de impotência que o fragiliza e o coloca em uma situação vexatória que jamais será apagada, implantando-se, assim, um clima de medo e afugentamento cujo destino pode ir desde um coração partido até uma tentativa de suicídio.

Fato é que o agressor, protegido pelo manto cibernético persiste causando estragos na vida do agredido que certamente perpetuarão por um tempo indefinido, impossibilitando um freio enérgico que tenha o condão de impedir ou encerrar o bullying virtual. Esse indivíduo que age de maneira impiedosa ainda ganha a vantagem de ver suas postagens sendo disseminadas como uma doença que se alastra pelo tecido social, sem que se perceba o grau de malignidade causado não apenas no agredido como também em sua família que vê-se de mãos atadas para combater a agressão.

Cabe salientar que o cyberbullying é ato criminoso já previsto na legislação penal vigente.

Devemos lembrar que o cyberbullying nada mais é do que um crime contra a honra praticado em meio virtual e ele, segundo o Código Penal, pode ser de três tipos: calúnia, injúria ou difamação. O próprio Código Penal já define inclusive aumento de pena para quando o crime for praticado na presença de várias pessoas, por meio que facilite a divulgação, como ocorre nas redes sociais⁶.

Há notícias vagas sobre a possibilidade de que os responsáveis pelo massacre na Escola de Columbine situada na cidade de Littleton, no estado americano do Colorado⁷, Eric Harris e Dylan Klebold pudessem ter sido vítimas de bullying, o que não se confirmou, muito embora hajam dúvidas razoáveis até hoje. Da mesma forma cogitou-se sobre o chamado crime no colégio Goyases, no conjunto Riviera, em Goiânia (GO)⁸, e ainda no famigerado “Massacre do Realengo”⁹; em todos os eventos têm-se como autores jovens desajustados vivendo fora dos padrões tido como normais e adeptos de uma vida solitária que muito provavelmente lhes foi imposta pelo comportamento que encontraram em suas salas de aula, tornando-se as vítimas preferidas dos praticantes de bullying.

Em que pese acreditarmos que a vítima do bullying possa não ter inclinações de caráter criminoso ou suicida, não se pode afastar que, possivelmente, foi o bullying responsável pelo desenvolvimento de uma sociopatia, e não nos parece que tenhamos cabedal suficiente para sustentarmos esta afirmação; o que nos parece correto levar em consideração é o fato de que fossem esses rapazes vítimas de bullying, não restam dúvidas de que por conta dessa prática tenham desenvolvido fortes cicatrizes emocionais e psíquicas que os levaram a agir como o fizeram.

No ambiente ferozmente competitivo das high schools americanas, os alunos são virtualmente forçados a se agrupar de acordo com seu prestígio e seus talentos. No topo do microcosmo estão os atletas, os bons alunos com vaga garantida na universidade e as garotas bonitas. Eric e Dylan não se encaixavam em nenhuma casta e odiavam os atletas, que se divertiam em humilhá-los. Eles poderiam ter-se contentado em aderir a várias outras tribos de párias inofensivos. Preferiram as roupas negras, o visual morto-vivo, a iconografia nazista. Mesmo assim pareciam patéticos e "perdedores" (classificação pejorativa tipicamente americana). Ninguém os levava a sério. Nem imagina que acumulassem uma carga de ressentimento tão devastadora¹⁰.

Em um ambiente que pode ser considerado tóxico ao vitimado pelo bullying, incitações ao uso de armas de fogo e ao ódio gratuito funcionam como gatilhos que poderão fazer aflorar uma sociopatia latente desenvolvida pela inúmeras vezes em que o indivíduo foi objeto de bullying, manipulado e impotente diante de valentões cuja perversidade, muito provavelmente, também foi cultivada no seio familiar ou ainda pior: nele não foi ceifada em tempo hábil.

Em outro evento lastimável ocorrido na escola estadual Raul Brasil, situada na cidade de Suzano na região metropolitana da Capital, viu-se a repetição de eventos mortais associados a dois jovens que como os jovens de Columbine, acabaram suicidando-se após darem por certo o final doloroso de seus atos¹¹. Cremos ser crucial destacar-se que não apenas o bullying, mas através dele, o acometimento de distúrbios mentais e emocionais operam uma complexa operação no âmago do jovem que vê-se só e isolado, carecendo, pois, de encontrar alguma forma de salvação que lhe possibilite retomar uma racionalidade que há muito foi sufocada; é o que salienta o psiquiatra Timothy Brewerton, que tratou alguns estudantes sobreviventes ao massacre de Columbine.

"O bullying pode ser considerado a chave para entender o problema e um enorme fator de risco, mas outras características são importantes, como tendências suicidas, problemas mentais e acessos de ira. Não acredito em um estereótipo ou perfil para um assassino potencial nas escolas"¹².

Comungamos dessa posição do especialista não cotejando a vítima de bullying com um assassino em potencial; todavia, o que é importante notar refere-se à estreita ligação que pode haver entre o estado emocional defensivo da vítima com a elevação do seu grau de animosidade/agressividade, originário de ver-se ele obrigado a permanecer constantemente na defensiva em decorrência do enorme estresse em que está envolvido e por essa mesma razão torna-se mais arredio com todos que o cercam, sempre a espera de um possível ataque.

Mais do que um desconforto, o bullying contribui para um clima de angústia e medo no ambiente escolar, marcando a vítima e moldando sua personalidade. Afinal, trata-se de uma criança ou adolescente que está descobrindo o mundo e crescendo.

Isso pode afetar a vida de uma pessoa de tal forma a ponto de cooperar para a construção de um adulto agressivo¹³.

Além do mais, o agredido/ofendido não reconhece ao seu redor pessoas que sejam capazes não apenas de compreender seu sofrimento como também colaborar de alguma forma para que essa prática nociva não se repita; infelizmente, o que se percebe é o chamado “efeito espectador”, fenômeno pelo qual aqueles que presenciam uma cena de bullying – e mesmo sua dolorosa repetição – sentem-se incapazes de interferir, posto que havendo aqueles que repudiam a ação, também temem serem os próximos alvos; de outro lado, há o que apoiem a atitude do agressor, mas também preferem silenciar temendo serem mal vistos pelos demais, ou ainda verem-se associados, de alguma forma, ao agressor. E há ainda os indiferentes que mesmo presenciando o evento creem piamente que jamais acontecerá com eles.

Outra forma de indiferença encontra-se no seio familiar, ambiente no qual o jovem vitimado precisa encontrar apoio, compreensão e fraternidade, muito embora na maioria das vezes ele não se veja devidamente acolhido; percebemos que há uma disrupção entre o anseio e a realidade, já que muitos pais mostram-se alheios ao que acontece na vida dos filhos, seja porque eles tenham a ideia distorcida que cabe exclusivamente à escola promover a formação do futuro indivíduo, algo como entregar-se uma matéria bruta esperando receber um produto acabado, ou ainda porque supõe-se que a função/obrigação familiar consista apenas em prover a subsistência da prole desvinculando-se, assim, de qualquer outra obrigação que lhe seja imposta.

Há ainda aqueles tão alheios que sequer fazem ideia de que o filho/filha seja um agressor (a), e quando descobrem tal fato empoleiram-se no alto do soberbo orgulho de ter uma prole que é a sua imagem e semelhança. Daí a importância de que o assunto não fique restrito aos vetustos ambientes acadêmicos que buscam cuidar do tema através de uma linguagem de difícil acesso e compreensão para a maioria. No caso ocorrido em Santo André (nota de fim 03), a escola afirmou, através de nota, que “repudia todo e qualquer tipo de violência física ou psicológica e não comenta situações pontuais internas como forma de resguardar seus alunos, menores de idade em fase de formação pedagógica e social”; ou seja, admitiu o provérbio “roupa suja se lava em casa”.

Adrede afirmou ainda que: “Somado a isso, os colaboradores passam por capacitações, treinamentos e orientações no modelo um a um para que o cuidado com a integridade física, psicológica e social seja diário, valorizando o respeito e a saúde emocional”. Ao que parece o professor que estimulou a discórdia não participou de capacitações, treinamentos ou orientações, o que deixa pairar um ar de incredulidade na postura da escola e de seus colaboradores.

Trata-se, pois, de um quadro alarmante que tem seu início no ambiente escolar que deveria se considerado seguro e acolhedor e irradia-se pelo tecido social, sempre estimulado por redes sociais e mídias eletrônicas que ganham mais notoriedade na medida em que distorcem valores, estimulam violência gratuita e disseminam informações falaciosas apenas para angariar mais seguidores.

São pessoas fazendo selfies ao lado de bandidos e vítimas de acidente, são posições que desprezam o respeito ao humano, ganhando destaque como modelos de comportamento. Enquanto isso, crianças ainda têm seus cabelos cortados pelos colegas, alegando precisarem de bombril, museus e universidades são ameaçadas, artistas são conduzidos a prestarem depoimento a partir de notícias falaciosas, veículos de comunicação e personagens ganham visibilidade por depreciarem e deturparem a verdade.

Creemos que a palavra de ordem para atenuar, e quem sabe erradicar progressivamente o bullying do meio social, consiste em supervisão sob a forma de acompanhamento multidisciplinar que envolva educadores, terapeutas, familiares e o poder público, todos engajados em uma ação contínua e incansável de supervisionar jovens e crianças sempre mostrando como ações supostamente dotadas de inocentes provocações podem descambar para processos agressivos que criem um ambiente litigioso com estratificações sociais indesejadas.

É essencial evitar-se comportamentos agressivos, a permissividade, excesso de tolerância e/ou opressão parental, perceber a necessidade de aceitação pessoal assim como notar se há uma relação de prazer envolvido na prática da conduta, que de certa forma concede ao autor um protagonismo indesejável perante a vítima. Da mesma forma é crucial observar-se a falta de estrutura familiar, carência afetiva e possíveis maus tratos físicos ou explosões emocionais travestidos de afirmação de poder dos pais ou responsáveis, assim como a negligência e falta de limites, consistem em fatores que precisam de uma atenção constante, para que não se incorra no erro crasso de permitir que o agressor sinta-se em uma posição de poder que lhe proporcione prazer no domínio que exercer sobre a vítima.

Perceba-se que esta supervisão evitará que mais vítimas sejam acometidas de perturbações tanto de ordem física, como mental e emocional que podem acompanhá-las pelo resto de suas vidas.

As consequências do bullying são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de vivências, de predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, todas as vítimas, sem exceção, sofrem com os ataques de bullying (em maior ou menor proporção). Muitas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema. Os problemas mais comuns são: desinteresse pela escola; problemas psicossomáticos; problemas comportamentais e psíquicos como transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, entre outros. O bullying também pode agravar problemas preexistentes, devido ao tempo prolongado de estresse a que a vítima é submetida. Em casos mais graves, podem-se observar quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio (PEREIRA 2012, apud SILVA 2010 p.54)¹⁴.

Não menos importante é necessário evitar-se a banalização do bullying, adotando-se perante ele uma postura que o vê como uma prática normal e aceitável de socialização no ambiente escolar, como uma espécie de rito de passagem a que todos devem ser submetidos com vistas a atingimento de uma maioria sedimentada por valores que desprezam o real significado de convívio social fraterno e solidário. Sob o aspecto virtual, considerando que o agressor esconde-se protegido pelo véu cibernético, entendemos que o melhor combate é sempre a denúncia e a formalização de uma atitude criminosa em que a vítima precisa ser conscientizada de sua valorização social, bem como orientada a agir para evitar futuras agressões por meios digitais¹⁵.

Ousamos afirmar que, a nosso ver, a melhor arma contra o cyberbullying talvez resida no cultivo de amizades e interações reais/presenciais, muito embora saibamos que em um mundo ditado por incontáveis combinações algorítmicas, interação social deixou de ser algo essencial, ditando-se o comportamento da maioria por quantos seguidores possui e quantos “likes” recebe diariamente, mesmo desconhecendo de onde veem e quem são as pessoas que parecem interagir entre si, comprovando que a alegoria do Big Brother de George Orwell há muito deixou de ser imaginário para tornar-se onipresente em nossas vidas¹⁶.

- 1 <https://www.telavita.com.br/blog/o-bullying/>
 - 2 <https://profrobertovictor.jusbrasil.com.br/artigos/121942987/bullying-vs-assedio-moral>
 - 3 <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/bullying-professor-faz-jogo-da-discordia-contraluna-em-santo-andre/>
 - 4 <https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2022/03/bullying-pais-se-revoltam-apos-filha-ser-empurrada-de-escada-na-escola-e-agressores-sofrerem-punicoes-minimas.html>
 - 5 <https://tvbrasil.ebc.com.br/caminhos-da-reportagem/2018/05/cicatrices-da-tristeza>
 - 6 <https://jus.com.br/artigos/92266/cyberbullying-e-crime-e-pode-ser-mortal>
 - 7 <https://www.otempo.com.br/mundo/os-20-anos-do-massacre-que-apresentou-o-bullying-ao-mundo-1.2170672>
 - 8 <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/de-columbine-a-realengo-o-bullying-por-tras-dos-massacres/>
 - 9 https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Realengo
 - 10 <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/de-columbine-a-realengo-o-bullying-por-tras-dos-massacres/>
 - 11 <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/13/adolescentes-atiram-dentro-de-escola-e-matam-6-pessoas-em-suzano-na-grande-sp/>
 - 12 <https://www.hypeness.com.br/2019/03/bullying-abandono-e-saude-mental-os-verdadeiros-responsaveis-pela-tragedia-de-suzano/>
 - 13 <https://happycodeschool.com/blog/entenda-5-principais-consequencias-do-bullying-na-vida-da-crianca/#:~:text=Transtornos%20psicol%C3%B3gicos,e%20depress%C3%A3o%20s%C3%A3o%20alguns%20exemplos.>
- Fonte: <https://www.politize.com.br/bullying-o-que-e/#:~:text=DEFINI%C3%87%C3%83O%20DE%20BULLYING&text=E%20%C3%A9%20precisamente%20a%20essa,volta%20a%20praticar%20in%C3%BAmeras%20vezes>
- 14 <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14051/1/TCC%20FINAL%203.pdf>
 - 15 <https://www.politize.com.br/cyberbullying-o-que-e/#:~:text=Cyberbullying%3A%20defini%C3%A7%C3%A3o,%20ridicularizar%20e%20Fou%20assediar.>
 - 16 <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/saiba-mais-sobre-o-livro-1984-de-george-orwell/>